



## **BREVÍSSIMO ENSAIO SOBRE DISCURSO DE GÊNERO E MÉTODO SOB AS LENTES DA FILOSOFIA POLÍTICA E DA MENTE MODERNAS**

**Fábio Bezerra dos Santos\***

### **1 INTRODUÇÃO**

A afirmação de que “os limites do seu mundo coincidem com os limites de sua linguagem”, por Wittgenstein no início do século passado, ainda tem suscitado muitas reflexões<sup>1</sup>. Questões relacionadas com a produção da verdade, realidade e utopias motivam uma busca que tende a revirar antigos paradigmas organizacionais.

A ideia de mundo volve a tudo que se apresenta imbuído de significado diante dos olhos de quem vê. Todavia, os sentidos nem sempre transmitem realidade. Assim, desde os primórdios da política, percebe-se tentadora a ideia de trair os sentidos alheios tendo em vista finalidades inconfessáveis. Imperativo, então, compreender o papel e a importância da ilusão e da manipulação a partir das teorias da linguagem, especialmente no que refere ao discurso de gênero, tendo as filosofias política e da mente como vetores e o cientificismo moderno como contexto histórico.

### **2 A LINGUAGEM COMO MÉTODO E CRÍTICA**

A questão do mundo sensível que sobressai é: apenas porque não se percebe algo, isto implica sua inexistência? Por certo que a resposta é não. Contudo, do ponto de vista da

---

\* Professor permanente da Universidade Federal da Paraíba - Faculdade de Direito de João Pessoa. Doutorando em Direito pela UNIMES.

<sup>1</sup> Cf. WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução de C. K. Ogden. Introdução de Bertrand Russell. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd.; e, New York: Harcourt, Brace & Company, Inc., 1922, *passim*.

filosofia política, é como se aquele objeto não existisse mesmo. Isto porque se não é percebido ou mesmo imaginado, logo não adquire sentido. Destituído de significado, também não tem valor e, portanto, não desperta o interesse das pessoas<sup>2</sup>.

De um ponto de vista pragmático, apenas a linguagem é capaz de atribuir significado às coisas, e isto se processa dentro de um sistema complexo de símbolos que interagem entre si buscando sobrepor-se em relação uns aos outros.

O simbolismo se apresentou como um movimento cultural em oposição ao realismo, naturalismo e positivismo<sup>3</sup>. Assim, deparou-se uma perspectiva contrária a toda tendência alienadora, valorizando o interesse pelo individual e o particular em detrimento da visão geral recepcionada pelo organicismo e a ideia de ordem, imperativos desde a concepção de Estado-nação vigente à época.

Tecer uma crítica à linguagem científica com pretensões de cientificidade pode parecer contraditório. Todavia, como tudo que é cognoscível se processa dentro de um universo comunicacional, a crítica vence o paradoxo quando constitui a si mesma como metalinguagem em relação à linguagem que toma como objeto. Aliás, não se pode negar que os avanços mais significativos no campo da epistemologia se deram logo após a identificação e enfretamento de paradoxos e desarticulação de tautologias<sup>4</sup>.

Desde o iluminismo, o pensamento racional vem sendo colocado em cheque através da intuição de filósofos modernos<sup>5</sup>. Mas sempre que se intentou qualquer modificação nas estruturas do pensamento racional a linguagem soergue-se como limite (e obstáculo) que tende a resistir às agressões, externas e contradições internas, como esforço de auto-preservação<sup>6</sup>. Assim, a linguagem - e especialmente a linguagem científica - apresenta-se como se tivesse vida e vontade próprias face a toda pretensão dissonante.

<sup>2</sup> Não se pode dizer, por exemplo, que os extraterrestres são destituídos de significados nos dias atuais, até porque existe toda uma indústria lucrando com o que imaginam e temem em relação aos *aliens*.

<sup>3</sup> Cf. BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. 6.ed. Trad. e notas Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. (originalmente publicada no ano de 1857)

<sup>4</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas*. Organizado por Manoel Barros da Motta. 2. ed. Coleção Ditos & Escritos. Vol. II. São Paulo: Forense Universitária, 2005.

<sup>5</sup> Nesse sentido a obra de Henri Bergson depara uma filosofia consubstanciada, a priori, em uma crítica às formas de “coisificação” do homem. Trata-se de uma afirmação da liberdade frente as vertentes científicas e filosóficas imbuídas com pretensões de reduzir a dimensão espiritual do homem a leis previsíveis e manipuláveis, análogas às leis naturais e, como imaginou Comte, sociais. Tal filosofia baseia-se na afirmação da possibilidade do real ser assimilado através da intuição da duração. Assim, o tempo vivido é entendido como consciência, é o passado vivo no presente e aberto ao futuro no espírito que compreende o real de modo imediato (BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Tradução de João da Silva Gama. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2011. \_\_\_\_\_ . *Memória e vida*. Tradução de Claudia Berliner. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011).

<sup>6</sup> Em “Súmula contra os gentios”, Santo Tomás de Aquino deixa evidente que não pode existir incompatibilidade entre razão e religião: “Se é verdade que a verdade da fé cristã ultrapassa as capacidades da razão humana, nem por isso os princípios inatos naturalmente à razão podem estar em contradição com esta verdade sobrenatural.” A

Muito já se teorizou sobre a relação entre sujeitos e objetos. Criadores e/ou criaturas? Não raras vezes pensadores modernos se depararam com a seguinte desconfiância: “há algo de errado com o mundo”<sup>7</sup>? Ela mesma (a linguagem científica) se apresentou à modernidade como discurso de verdade legitimador das “superestruturas” do Estado. Nesses termos, o pensamento racional e correspondente linguagem, portanto, constituiriam parte de um aparato ideológico?

O marxismo percebeu uma falha nesse “universo de aparências” construído e mantido através de uma racionalidade econômica, a qual seria mais bem compreendida à luz de estudos desenvolvidos pela Escola de Frankfurt, sobretudo na primeira metade do século passado sob os direcionamentos de Teodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse. Desde então, a teoria crítica à alienação, tendo como foco o capitalismo moderno, tem se aperfeiçoado<sup>8</sup>.

Com a evolução das comunicações, tornou-se ainda mais difícil para o indivíduo saber onde começa e termina o mundo sensível, principalmente porque as racionalidades foram assimiladas como legitimadoras das coisas a que se dirigem e difundidas através de uma política de interesses como as únicas capazes de conferir segurança aos argumentos.

Como visto, o pensamento racional é sistemático, portanto, científico, lógico e exclusivista. Contudo, nem assim existe garantia de que haja alguma verdade ou justiça em todo argumento racional. À lógica não é dada conferir virtude aos conteúdos que processa, mas tão somente validade aos raciocínios<sup>9</sup>. O exclusivismo, por seu turno, apresenta-se como uma característica angular do cientificismo que consiste na afirmação do método de que não apenas “sou o único caminho para a verdade”, como também “sou o único apto a apontar as falhas dos outros métodos”.

---

empreitada da Igreja desde Aquino no século XIII consistiu em assimilar e submeter o pensamento racional à catequização cristã, partindo de um silogismo bem simples: se toda luz vem Deus, toda clarividência oriunda da razão também só poderia advir da providência divina. Neste sentido, até mesmo o iluminismo seria de inspiração divina, em que pesasse todo alvoroço que o pensamento racional, a priori, pudesse impingir às instituições medievais (AQUINO, Santo Tomás de. *Súmula contra os gentios*. In: *Coleção Os Pensadores: Tomás de Aquino, Dante, Duns Scot, Ockham*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 66).

<sup>7</sup> Esta mesma questão apresentou-se na trilogia cinematográfica *Matrix* como intuição que motivou o “despertar de Neo”, protagonizado pelo ator Keanu Reeves (Cf. IRWIN, William *et al.* *Matrix: Bem vindo ao deserto do real*. Coletânea de William Irwin. Tradução de Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2003).

<sup>8</sup> Cf. a respeito: HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. Tradução Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor, 1976. ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. HABERMAS, Jürgen. *A crise de legitimação no capitalismo tardio*. 2. ed. Tradução de Vamireh Chacon. Biblioteca Tempo Universitário, n. 60. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

<sup>9</sup> Para citar um exemplo histórico emblemático, basta lembrar que o discurso da supremacia racial ariana que dizimou milhares de pessoas na segunda grande guerra era, sobretudo, um discurso científico que se provou apto a justificar uma absurda ideologia de extermínio.

### 3 TRAÍDOS PELOS SENTIDOS

Destarte, os novos paradigmas de identidades sociais surgem tendentes a cometer erros semelhantes e retornarem ao mesmo ponto de partida num círculo sem fim<sup>10</sup>. O mimetismo como capacidade de transmutar-se, através de uma conjugação de ideologias, ainda constitui um estratagema eficiente dada à volatilidade com que os reais interesses aparecem e somem diante dos olhos. Nesse sentido, está-se diante de um tempo em que toda subjetividade pode estar alienada, presa a um devir e recomeçar constantes<sup>11</sup>.

A seu turno, comentando sobre a construção da identidade, Manuel Castells esclarece que a compreende como sendo a fonte de significado e experiência de um povo; ou, como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significados”. Em seguida, define “significado como a identificação simbólica<sup>12</sup>, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator”. Deste modo, o autor destaca que até mesmo o individualismo (distinto da identidade individual) também pode ser considerado uma forma de identidade coletiva<sup>13</sup>.

Lília do Valle com precisão classifica como assustadora a fragilidade dos sentidos coletivamente instituídos: “longe de ser fenômeno meramente exterior, prolonga e intensifica o sentimento de vazio e de isolamento em que o cotidiano mergulha cada um – não fossem os humanos seres para quem individuação e socialização caminham juntas”<sup>14</sup>. Apresentada sua objeção, Valle ainda referencia o trabalho de Maria Rita Kehl Sobre ética e psicanálise, destacando que:

Com exceção de algumas produções muito delirantes na psicose, que mesmo assim são engendradas a partir de alguma forma de endereçamento imaginário, o sentido

<sup>10</sup> No último episódio da trilogia Matrix, Neo se apresenta ao Arquiteto do universo matrix e descobre que é a sexta versão de si mesmo e pôde ver numa tela onde seus precedentes fracassaram, bem como o próprio fracasso.

<sup>11</sup> É de Jürgen Habermas a expressão “subjetividade alienada” In: HABERMAS, Jürgen. O discurso filosófico da modernidade: doze Lições. Tradução de Luiz Sérgio Repa; Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

<sup>12</sup> Para Pierre Bourdieu, “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. O autor também assevera que nas palavras de Durkheim trata-se do “conformismo lógico”. BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 7-9.

<sup>13</sup> CASTELLS, Manuel. O poder da identidade – a era da informação: economia, sociedade e cultura. V. 2. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. Prefácio de Ruth Correa Leite Cardoso. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2006, P. 22-23.

<sup>14</sup> VALLE, Lília do. Democracia e movimentos instituintes. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana. In: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/v11n33/a13v1133.pdf>. Acesso em 25 de Jun. e 2012, às 16hs e 48min.

ou o significado de um ato, de uma experiência ou de uma vida inteira se revela na interface entre o que é mais singular, mais particular para o agente/vivente, e sua inscrição simbólica na cultura em que vive<sup>15</sup>.

Edmund Husserl anunciou em sua filosofia uma possibilidade de ruptura com o referido círculo enganador através de uma busca metafísica pelas primeiras razões do Ser, noutros termos, a verdade em si, o *logos* ordenador, a essência dos objetos, apreendidos através de intuição pura com o propósito de descobrir as estruturas essenciais dos atos e das coisas sob análise<sup>16</sup>. Essa forma de abordagem fenomênica, a priori, revela-se idônea à desconstrução e análise de discursos de gênero alienadores.

#### **4 DISCURSO DE GÊNERO COMO PRÁTICA DE DOMINAÇÃO: UMA ANÁLISE SOB AS ÓTICAS DA TEORIA *QUEER* E DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

É fácil, portanto, perceber que existe um interesse persistente de muitos seguimentos da sociedade em se apropriar do discurso de proteção de determinadas minorias<sup>17</sup>. Cumpre, pois, aproximar o arcabouço teórico exposto até aqui à Teoria Queer propugnada por Judith Butler, no intuito de desmitificar o discurso de gênero manipulado por facções políticas contemporâneas. De acordo com a proposta de Butler, orientação e identidade sexual ou de gênero, são resultantes de constructos sociais e, portanto, não há papéis sexuais essenciais ou biologicamente inscritos na natureza humana<sup>18</sup>.

Evidente, portanto, que Butler parte de uma perspectiva onde o sexo não é considerado apenas aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é, mas, simplesmente, “aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural”. Ainda de acordo com a autora, “o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente

<sup>15</sup> KEHL, Maria Rita. Sobre ética e psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 9.

<sup>16</sup> Cf. em HUSSERL, Edmund. A crise da humanidade européia e a filosofia. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

<sup>17</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2005. \_\_\_\_\_. Microfísica do poder. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

<sup>18</sup> BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Organizado por Guacira Lopes Louro. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, *passim*.

ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, "dentro" do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio”<sup>19</sup>.

Como se observa, não se pode descartar o valor da representação social incidente nas questões de gênero. Nestes termos, é oportuna a definição de representação social proposta por Moscovici citado *in verbis* por Miles Hewstone:

Por representações sociais designamos um conjunto de conceitos, enunciados e explicações originado na vida cotidiana. [...] Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e aos sistemas de crença das sociedades tradicionais; poder-se-ia mesmo considerá-las como a versão contemporânea do senso comum<sup>20</sup>.

Se por um lado a abordagem metafísica se apresenta como justificação das questões de gênero, o pragmatismo sugere que os valores por trás dos interesses reforçam a importância da leitura que os atores sociais atribuem aos fatos sociais, independente do valor em si que carrega. Nenhuma dessas hipóteses, contudo, é imune à manipulação por meio da fala<sup>21</sup>. E, como bem destacou Simone de Beauvoir, célebre representante do feminismo existencialista, tomando o materialismo histórico como ponto de partida, “a humanidade não é uma espécie animal: é uma realidade histórica<sup>22</sup>.” Para se ter uma ideia do teor ideológico,

<sup>19</sup> Para Judith Butler “o que está em jogo nessa reformulação da materialidade dos corpos é o seguinte: (1) a remodelação da matéria dos corpos como efeito de uma dinâmica do poder, de tal forma que a matéria dos corpos será indissociável das normas regulatórias que governam sua materialização e a significação daqueles efeitos materiais; (2) o entendimento da performatividade não como o ato pelo qual o sujeito traz à existência e aquilo que ela ou ele nomeia, mas, ao invés disso, como aquele poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constrange; (3) a construção do sexo não mais como um dado corporal sobre o qual o construto do gênero é artificialmente imposto, mas como uma norma cultural que governa a materialização dos corpos; (4) repensar o processo pelo qual uma norma corporal é assumida, apropriada, adotada: vê-la não como algo, estritamente falando, que se passa com um sujeito, mas, ao invés disso, que o sujeito, o "eu" falante, é formado em virtude de ter passado por esse processo de assumir um sexo; e (5) uma vinculação desse processo de "assumir" um sexo com a questão da identificação e com os meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações. Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são "sujeitos", mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito” (ibidem, p. 151 e seguintes).

<sup>20</sup> HEWSTONE, Miles. Representações sociais e causalidade. In: As representações sociais. Organizado por Denise Jodelet. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, P. 218.

<sup>21</sup> Em relação aos níveis da fala, Dino Preti destaca que “cada falante atua de acordo com certos comportamentos lingüísticos constantes na comunidade em que vive e eleitos como ideais para comunicar e transmitir as informações necessárias nos vários momentos de sua vida em comum. Esses hábitos lingüísticos coletivos, em constante mas lenta renovação, ganham gradativamente força de convenções tácitas, leis, admitidas pela maioria e conservadas através de gerações com características prescritivas. Constituem os *usos* ou as *normas* lingüísticas de uma sociedade” (PRETI, Dino. Sociolinguística: os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 9. ed. São Paulo: USP, 2003, p. 49. ).

<sup>22</sup> De minha parte, com uma pitada de neodarwinismo, digo que a humanidade “também” é uma realidade histórica, mas não se pode desprezar, em absoluto, a natureza “guerreadora” de homens e mulheres. BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. V. 1. Fatos e mitos. 4. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, P. 73.

basta que o próprio leitor avalie a visão dolosa de Beauvoir através da seguinte assertiva: “Only when we abolish the slavery of half of humanity can the reign of liberty be established”<sup>23</sup>.

Observa-se, então, que a valorização da masculinidade parte de uma semiótica bíblica onde Eva se apresenta do homem e para o homem, com substrato no simbolismo “costela de Adão”. Nesse sentido, José Eustáquio Diniz Alves assevera que “A linguagem popular, os chistes e os provérbios refletem e reforçam as desigualdades de gênero”<sup>24</sup>.

Assim, as mulheres foram definidas como o “segundo sexo”, e, posteriormente, normalizadas pela ciência médica como o “sexo frágil”, dentro e a partir de um universo comunicacional que reflete e reforça a diferença de gênero como modo específico de exclusão, onde discursos machistas e feministas, municiados por fatores conjunturais, reforçam, reciprocamente, a submissão do outro<sup>25</sup>.

Hilton Japiassu interroga: “seria a ciência uma intuição masculina?”<sup>26</sup> Respondo com os argumentos apresentados até aqui, e com Japiassu: é factível reconhecer que não seria um delírio admitir que a ciência moderna fundou-se em uma ideologia marcadamente machista. Do mesmo modo que o presente é marcado por um revanchismo feminista, também manipulado por interesses ocultos, aptos a criar e manter um *apartheid* artificialmente construído com base nas genitálias ou mesmo na sexualidade.

## **5 HÁ SAÍDA PARA AS QUESTÕES DE GÊNERO POR MEIO DE UM AGIR COMUNICATIVO EM UMA REPÚBLICA DE GENITÁLIAS?**

Agrava, então, constatar que o agir comunicativo propugnado por Habermas poderia ser uma alternativa viável à ruptura desses embates entre discursos bioéticos não fosse uma utopia a ideia de esfera pública imunizada contra as ingerências políticas prevalentes na comunicação social<sup>27</sup>.

<sup>23</sup> Tradução livre: Somente quando abolir a escravidão da metade da humanidade pode o reino da liberdade ser estabelecida. Retirada da biografia de S. Beauvoir: APPIGNANESI, Lisa. Simone de Beauvoir. 1. ed. Londres: INTL PUB. Marketing, 2005, P. 96.

<sup>24</sup> ALVES, José Eustáquio Diniz. O discurso da dominação masculina. In: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/iussp2001/cd/GT\\_Pop\\_Gen\\_Alves\\_Text.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/iussp2001/cd/GT_Pop_Gen_Alves_Text.pdf). Acessado em 24.06.2012, às 20hs e 15 min.

<sup>25</sup> Segundo Jürgen Habermas, “o outro” é tudo que não é você. Noutros termos, a diferença é o fator de justificação da exclusão nas sociedades modernas (HABERMAS, Jürgen. A inclusão do outro. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2002).

<sup>26</sup> JAPIASSU, Hilton. Ciências: questões impertinentes. Editado Por Márcio Fabri. Aparecida/SP: Idéias e Letras, 2011, P. 25.

<sup>27</sup> Cf. HABERMAS, Jürgen. Consciência moral e agir comunicativo. São Paulo: Brasiliense, 1989, *passim*.

Sucessos e fracassos na guerra dos sexos constituem dois lados de uma moeda cuja finalidade não depende apenas do indivíduo que a porta, mas, sobretudo, de uma conjuntura de interesses que se interligam a partir da relação jurídica que através dela se estabelece. Assim como a linguagem se compreende a partir de uma teia de signos, também a política, como forma específica de comunicação, obedece a um complexo sistema de interesses historicamente manipuláveis por meio de fatores reais do poder, aí incluído o poder intelectual que normalizou discursos de vertentes bioéticas ao conferir status de cientificidade às questões relacionadas aos sexos e à sexualidade<sup>28</sup>.

Konrad Hesse esclarece que “as forças políticas movem-se consoante suas próprias leis, que atuam independentemente das formas jurídicas”, assim, “questões constitucionais não são, originariamente, questões jurídicas, mas sim questões políticas”<sup>29</sup>. Deste modo, introduz-se a situação dos fatores reais do poder levantada pelo Hesse, os quais atribuem significados aos fatos, influenciando na justificação do poder e na produção dos discursos.

Por fim, na obra “A gramática do tempo” Boaventura de Souza Santos propõe um pensamento alternativo. O autor depara apurado diagnóstico de um colapso do contrato social desde Rousseau até a proliferação de fascismos sociais, destacando que é necessário reinventar a democracia, a cultura política e o próprio Estado. Para Boaventura, existiria uma democracia de baixa intensidade, prevalecente nos dias atuais. Sua resposta e alternativa seriam formas de democracia de alta intensidade, municiadas com ferramentas mais efetivas de participação das massas<sup>30</sup>.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por todo o exposto, é possível concluir que o feminismo vem erigindo-se em racionalidade exclusivista, fundada no sexo e na sexualidade. Observa-se, portanto, que não

<sup>28</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. 2. ed. Organizado por Manoel Barros da Motta. Coleção Ditos & Escritos. Vol. V. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

<sup>29</sup> “Em 16 de abril de 1862, Ferdinand Lassalle proferiu, numa associação liberal-progressista de Berlim, sua conferência sobre a essência da Constituição (Über das Verfassungswesen). Segundo sua tese fundamental, questões constitucionais não são questões jurídicas, mas sim questões políticas. É que a Constituição de um país expressa as relações de poder nele dominantes: o poder militar, representado pelas Forças Armadas, o poder social, representado pelos latifundiários, o poder econômico, representado pela grande indústria e pelo grande capital, e, finalmente, ainda que não se equipare ao significado dos demais, o poder intelectual, representado pela consciência e pela cultura gerais. As relações fáticas resultantes da conjugação desses fatores constituem a força ativa determinante das leis e das instituições da sociedade, fazendo com que estas expressem, tão-somente, a correlação de forças que resulta dos fatores reais de poder” (HESSE, Konrad. *A força normativa da constituição*. Tradução de Gilmar Ferreira Mendes. Rio Grande do Sul: SAFe, 2009, p. 1).

<sup>30</sup> SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do tempo*. São Paulo: Cortes, 2006 - Apresentação do livro.



se trata, apenas, de uma analogia entre o campo da sociolinguística e outras coisas, mas de um complexo ideológico de proporções globais com evidente viés econômico. Urge, pois, estabelecer-se uma tensão específica entre regulação social e a perspectiva emancipatória como condição para se (re)pensar em uma arena pública de debates para o enfrentamento dessas questões de cunho ideológico, (re)criando, antes de tudo, as condições para que não se incorram nos mesmos erros do passado, tampouco sucumbam aos estratagemas dos facciosismos políticos. Trata-se de uma guerra que tende a ser perene, porquanto incutida na natureza humana ao logo de sua evolução. Todavia, atendida esta condição primordial que o iluminismo moderno não foi capaz de criar a questão anunciada em epígrafe ao ponto anterior terá uma resposta afirmativa. Sem isto, toda lucidez é tão efêmera quanto um click e toda saída aboca o trágico fim.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKNEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **O discurso da dominação masculina**. In: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/iussp2001/cd/GT\\_Pop\\_Gen\\_Alves\\_Text.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/iussp2001/cd/GT_Pop_Gen_Alves_Text.pdf). Acessado em 24.06.2012, às 20hs e 15 min.

APPIGNANESI, Lisa. **Simone de Beauvoir**. 1. ed. Londres: INTL PUB. Markenting, 2005.

AQUINO, Santo Tomás de. Súplica contra os gentios. In: **Coleção Os Pensadores**: Tomás de Aquino, Dante, Duns Scot, Ockham. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. 6.ed. Trad. e notas Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. V. 1. Fatos e mitos. 4. ed. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução de João da Silva Gama. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

\_\_\_\_\_. **Memória e vida**. Tradução de Claudia Berliner. 2. ed. São Paulo: WMF MARTINS FONTES, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 7-9.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do "sexo". *In*: O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Organizado por Guacira Lopes Louro. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, *passim*.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade** – a era da informação: economia, sociedade e cultura. V. 2. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. Prefácio de Ruth Correa Leite Cardoso. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2006, P. 22-23.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. 2. ed. Organizado por Manoel Barros da Motta. Coleção Ditos & Escritos. Vol. V. São Paulo: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia das ciências e historia dos sistemas**. Organizado por Manoel Barros da Motta. 2. ed. Coleção Ditos & Escritos. Vol. II. São Paulo: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **A crise de legitimação no capitalismo tardio**. 2. ed. Tradução de Vamireh Chacon. Biblioteca Tempo Universitário, n. 60. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **O discurso filosófico da modernidade**: doze Lições. Tradução de Luiz Sérgio Repa; Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A inclusão do outro**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Consciência moral e agir comunicativo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

HEWSTONE, Miles. Representações sociais e causalidade. In: **As representações sociais**. Organizado por Denise Jodelet. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

HESSE, Konrad. **A força normativa da constituição**. Tradução de Gilmar Ferreira Mendes. Rio Grande do Sul: SAFe, 2009.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. Tradução Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor, 1976.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. 2. ed. Porto Alegre: PUCRS, 2002.

IRWIN, William *et al.* **Matrix**: Bem vindo ao deserto do real. Coletânea de William Irwin. Tradução de Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2003.

JAPIASSU, Hilton. **Ciências**: questões impertinentes. Editado Por Márcio Fabri. Aparecida/SP: Idéias e Letras, 2011.

KEHL, Maria Rita. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

PRETI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. 9. ed. São Paulo: USP, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**. São Paulo: Cortes, 2006.

VALLE, Lília do. **Democracia e movimentos instituintes**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana. In: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/v11n33/a13v1133.pdf>. Acesso em 25 de Jun. e 2012, às 16hs e 48min.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução de C. K. Ogden.  
Com introdução de Bertrand Russell. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Ltd.; e,  
New York: Harcourt, Brace & Company, Inc., 1922.